manuscrítica

Revista de Crítica Genética
ISSN 2596-2477

N. 55•2025

Submetido: 29/04/2025

Aceito: 30/04/2025

Música e processos de criação: conversa com Anelis Assumpção

Anelis Assumpção[1] e Maurício Ayer[2]

Maurício Ayer: Boa noite. Eu vou fazer uma apresentação rapidíssima da Anelis Assumpção, só para lembrar o que vocês já sabem. Na verdade, a gente hoje vai ter a possibilidade de falar de uma Anelis que vocês certamente conhecem e de uma que talvez ainda não conheçam. Além de ser a artista, compositora, parceira de diversas outras artistas, intérprete, cantora, que lançou diversos álbuns, ela também é diretora de uma instituição museológica bastante especial, singular, e que nos interessa imensamente. Alguns anos atrás, Anelis assumiu a tarefa de cuidar e de dar um destino institucional adequado ao acervo de seu pai, Itamar Assumpção, que é um artista de primeira grandeza da música popular brasileira, como todos sabemos. Então, a gente vai ter a possibilidade, hoje, nesse Congresso, de conversar com essas duas Anelis. Para começar, proponho que a gente fale primeiro da Anelis diretora de museu. Eu acho que a primeira coisa seria você contar para a gente o que é o Museu Itamar Assumpção e também como é que surgiu a ideia de criá-lo.[3]

---

1 Como artista independente, já lançou quatro discos autorais: “Sou Suspeita, Estou Sujeita, Não Sou Santa” (2011); “Amigos Imaginários” (2014) – que lhe rendeu o prêmio Deezer de Artista do Ano (2014) e o prestigiado prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) para Melhor Artista Revelação, no ano de 2015; “Taurina’, lançado em fevereiro de 2018 e premiado como melhor disco do ano e melhor capa pelo Prêmio Multishow 2018; e "Sal", de 2022. Anelis gosta das palavras e as palavras gostam dela. Nas suas redes sociais, vem ampliando um diálogo cada vez mais profundo com seu público, especialmente mulheres negras. Atualmente, ela também é Diretora Geral do Museu Itamar Assumpção, primeiro museu virtual de um artista negro brasileiro, e acaba de lançar seu primeiro livro, ‘Serena Finitude’, pela Oh!Editora, o selo infanto-juvenil da Editora Veneta.

2 Maurício Ayer é professor de Literaturas de Língua Francesa na Universidade de Brasília (UnB). Doutor em letras pela USP e bacharel em música/composição pela FASM, desenvolve pesquisa sobre a porosidade entre as artes e a escrita literária. É autor de A música do fim do mundo: orquestrações de literatura, teatro e cinema em Marguerite Duras (2024) e, desde 2014, pesquisa os lugares da cachaça na literatura brasileira.

3 Conversa entre a musicista paulistana Anelis Assumpção e o pesquisador Maurício Ayer, na Mesa de Artistas do primeiro dia do 16º Congresso Internacional da APCG - Arquivo expandido: conexões e processos de criação. Esta conversa foi realizada oralmente e depois transcrita. Por isso, guarda muitas das formas de oralidade usadas nas respostas.

Anelis Assumpção: Boa noite, obrigada pela presença de vocês. É uma novidade também para mim ser convidada para esses espaços, para essas palestras, encontros e trocas também de conhecimento e de saber, sobretudo no ambiente acadêmico, já que eu sou uma pessoa autodidata e... Autodidata, enfim, não sou cursada de universidade nenhuma, eu estudei até o segundo grau completo e tive a vida, e a rua, e as experiências – doídas, inclusive –, que trazem ensinamentos gigantescos. Então, eu acho que começa aí. Começa quando meu pai morre, em 2003, com 54 anos, e já com muita consciência da sua produção, da sua missão mesmo, de ocupar um espaço dentro da produção do pensamento crítico, de música, de literatura, de disruptura de padrões, de uma forma de estar no mercado da música e existir de forma independente num momento muito próximo ao final da ditadura. Ele pega isso ainda, pega um pouco de ditadura. Então, é uma história muito alinhada com a sociedade, com a política, com a nossa própria construção de economia, o nosso próprio pensamento de sociedade.

Então, meu pai tinha 54 anos e uma consciência muito larga de que era um artista pouco reconhecido e... póstumo. Ele dizia isso para a gente – para mim, para minha irmã, para as pessoas, para os amigos –, principalmente quando ele se sentia cobrado por não estar nos grandes espaços, na grande mídia, por não fazer concessões. Então, ele tinha uma resistência a entrar em gravadoras, uma resistência muito grande a editar suas canções no momento em que as editoras faziam contratos para sempre, *ad eternum*, ou 80 anos, até 80 anos, somente depois de 80 anos da morte do autor é que a família poderia ter alguma possibilidade de contato com esse acervo. Então, ele tinha uma consciência muito sofisticada sobre o que significava o que ele estava produzindo e sobre esse lugar de "não vão entender agora o que eu estou fazendo, o que eu faço, o que eu penso, vai acontecer daqui a pouco".

Quando ele morre, tão jovem assim, com essa mensagem que eu ouvia desde criança – "eu sou um artista póstumo, as pessoas vão me entender depois, a minha obra é das minhas filhas, ninguém vai ser dono das minhas produções" –, a gente começa a entender isso quando ele parte e precisa inventariar. E aí, a gente não tinha bens materiais: casas, carros, imóveis, nenhum, nem fazenda, nem cavalo, [risos] nada. E tinha essa obra gigantesca, o que já tinha sido produzido e o que não tinha sido produzido ainda. Então, a gente foi entender que tudo que ele deixa, todos os cadernos, todos os manuscritos, todas as gravações que não foram publicadas, tudo aquilo começa como uma herança pessoal, e ao longo dos anos a gente vai entendendo que isso era um bem realmente que precisava se tornar público.

Então, a gente começa fazendo um *songbook*, em 2005, com toda a obra dele em partituras e cifras, dois volumes, um livro bem completo de tudo o que ele gravou, publicou em vida. Na sequência, vem um documentário também. Esse documentário já começa a fazer um levante, foram três anos de pesquisa para encontrar coisas que estavam fora da nossa casa, que a gente conhecia. Aí já começa um processo de catalogação, de descoberta de materiais, e a gente também publicou um livro que se chama *Cadernos inéditos*[4], que tem toda a obra escrita, todos os cadernos que ele deixou, e a gente digitaliza isso e publica esse livro. E aí, depois teve o sucesso, lançou a *Caixa Preta*[5], a gente fez a remasterização de todos os discos dele e produzimos mais dois discos inéditos, que era no que ele estava trabalhando ali um pouco antes de falecer. Eram dois álbuns, com uma produção muito volumosa – 20 músicas, 21 músicas –, e ficava coisa para fora sempre, enfim. Depois que a gente produz esses dois discos inéditos ali, pegando o que ele já tinha começado e aí finaliza, que é o *Pretobras 2* e *3*[6], que estão dentro da *Caixa Preta*. E aí a gente começa a perceber que ele vai virando um objeto de pesquisa muito importante. Cada vez mais a gente é procurada – eu, minha irmã, minha mãe – por pesquisadores de toda a ordem, de letras, de geografia.

Maurício Ayer: Você descobre que ele tinha razão.

Anelis Assumpção: A gente descobre, a gente vai descobrindo o tempo todo. Não para, é insuportável. É insuportável. Puta que pariu. Você acha que você está arrasando... não, ele arquitetou direitinho. E a gente descobre isso – descobre não, percebe –, que as pessoas começam também a se interessar, à medida que a gente vai pegando esse acervo, vai transformando e realizando isso. Então o disco que estava guardado vem à tona, os cadernos, os textos que eram inéditos são publicados. A gente também começa a ampliar a possibilidade de ele ser mais conhecido, de as pessoas que gostavam se aprofundarem, e de apresentar essa pessoa o tempo todo. E isso foi um pouco condicionado, num primeiro momento, por saudade só. Como é que eu faço para ficar mais com ele? Para ficar mais perto, mais tempo, né? Então era um jeito de... Eu estou há 20 anos mexendo nas coisas do meu pai diariamente. Então acho que o meu primeiro movimento é... Não tem nenhuma consciência fria nesse sentido,

4 ASSUMPÇÃO, I. **Cadernos inéditos**. São Paulo: Itaú Cultural; Editora Terceiro Nome, 2012.

5 *Idem*. **Caixa Preta** [box set]. São Paulo: Selo Sesc, 2009.

6 *Idem*. **Pretobrás II – Maldito Vírgula** [CD]. São Paulo: Selo Sesc, 2010.

Idem. **Pretobrás III – Devia ser proibido** [CD]. São Paulo: Selo Sesc, 2010. (Lançados originalmente no box *Caixa Preta*)

é mais uma coisa assim... “Meu Deus do céu!, senão eu vou esquecer, meus filhos não vão saber, a gente vai esquecer!” E eu não queria esquecer, eu queria que todo mundo soubesse que cara legal que ele era. Começa com o pai, né? Quero contar para as pessoas que meu pai era uma pessoa muito legal.

Maurício Ayer: Seria talvez interessante você contar – já que você fala desse convívio que você tem após a morte dele: como acontecia esse convívio, antes? Pelo que eu li, a sua estreia, inclusive, como cantora, é na banda dele, cantando com ele. E isso vai ter uma continuidade, quer dizer, nesse contato que você cultiva e compartilha com o que ele deixou.

Anelis Assumpção: Ele me convidou para cantar, eu já estava interessada em música, já escrevia, gostava de escrever. E aí ele observou e me disse: “vou fazer um show em tal lugar, você quer ir lá?” E aí tá, mas é sério, então vamos a sério. Aí fui fazer esses vocais, fiquei com ele ali até o final, né?, até ele morrer, cantando com ele. E todo o resto, eu cuidava assim do meu pai, ajudava a produzir. Era tudo muito mais simples, meu pai fechava shows pelo orelhão. Era uma coisa assim inacreditável pensar nisso, mas era assim. Recebia um telegrama da FUNARTE convidando-o para fazer uma temporada. Ele ia lá no correio, respondia o telegrama. A gente tem parte desses telegramas no acervo. E isso é muito legal, porque também conta a história das pessoas, conta a história de uma fase da comunicação, do tempo, das coisas.

Então eu começo a cantar com ele nessa época, quando eu tinha 17, 18 anos, e vou indo até ele falecer. E aí tem essa trajetória que vai indo paralela, que é eu e a minha produção, até onde no primeiro momento eu me sentia muito misturada à obra dele, ou até à referência de escrita, de pensamento. E aí começa a ter uma necessidade... bem freudiana de me afastar.

Ah, eu não queria ter usado essa palavra. Desculpa, a gente precisa encontrar outra. A gente estava precisando achar outra, mas todo mundo entendeu. Eu precisava matar mais uma vez para entender quem eu era. Porque a primeira coisa que aparece é essa missão. “As minhas coisas são das minhas filhas, a minha obra é das minhas filhas. Toma aqui, cuida disso.” Então quando eu começo a cuidar de mim, muito jovem, eu já tenho isso para fazer. E vem dando certo. Eu estou aí tentando achar esse lugar que nos separa de uma forma muito saudável.

Maurício Ayer: Você sabe que, já que você falou de Freud, o Édipo é aquele que vai matar o pai.

Anelis Assumpção: Sim, sim. Por isso que eu não queria ter usado.

Maurício Ayer: Mas a filha de Édipo, que é Antígona, vai cuidar do pai até o momento da morte dele. E aí depois ela tem um gesto de extrema rebeldia, que é o que vai torná-la protagonista de sua própria tragédia.

Anelis Assumpção: É um clássico mesmo, eu observo bastante isso na minha história. Eu tenho também minha irmã, então eram mundos muito diferentes. A forma de se relacionar com ele, com a saudade, com o que era importante, com o que fica. O que fica não é dinheiro, não é uma herança material nesse sentido, que se pode dividir e cada um ganha um tanto. Isso não existe, são outros lugares.

Maurício Ayer: Bom, você nos contou aqui de uma série de iniciativas que vão materializando, dando publicidade a esse cuidado com o acervo, com o legado dele. E aí, em que momento que surge a ideia de fazer um museu? Depois acho que seria interessante falar um pouco dele. [para o público] Vocês vão ter a oportunidade sempre de visitá-lo on-line. É um museu que, aliás, é um dos únicos no Brasil traduzidos em yorubá, não é?

Anelis Assumpção: Acho que é o único.

Maurício Ayer: Em que momento que surge essa ideia, e como ela surge, e o que isso significou, inclusive para você, em termos práticos? Como é que se cria um museu virtual? Vamos começar por aí.

Anelis Assumpção: Bem, então, voltando lá para aquela história, depois de fazer tudo aquilo, livro, documentário, *songbook*, a gente começa a perceber que as pessoas estão procurando muito – "eu queria pesquisar sobre o Itamar, eu queria saber mais sobre o Itamar, eu não sei onde, se souber me indicar um lugar, que biblioteca que eu vou, que livros que tem". E aí a gente tem uma *Enciclopédia da Música Brasileira*[7], que é um parágrafo para cada artista. E tinha um depoimento dele no MIS. E aí a gente, as pessoas falavam "não, esse eu já fui", "já vi", "na internet está confuso", e tal. Aí eu falei, poxa, eu acho que preciso organizar isso, preciso centralizar para possibilitar a pesquisa. E corrigir coisas. A gente vai entrando numa era da internet cada vez mais presente na vida, como um lugar de pesquisa, uma fonte de pesquisa, eu preciso de uma fonte segura de pesquisa. Toda hora eu ia corrigir a Wikipedia, pedia para alguém fazer alguma coisa.

Aí abriu um edital da Petrobras para preservação de memória digital. Eu me inscrevi e fui selecionada. Bom, eu já sabia o que eu queria, eu já tinha pesquisado alguns acervos digitais de outros artistas, eu pensei, bom, a

7 MARCONDES, Maurício Ayer (org.). **Enciclopédia da música brasileira**: erudita, folclórica e popular. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Art Editora, 1998. 887 p.

gente já tem o livro, já tem as partituras, já tem muito material por causa do filme, já tem os cadernos digitalizados. E aí eu conheci uma pessoa que está aqui, o Fred, o Frederico Teixeira, que é diretor artístico do museu, está comigo desde o início, e é uma pessoa que já era da área de museu, trabalhava no Museu da Casa Brasileira na época. E aí eu falei para ele, falei, "Fred, eu passei em um edital para fazer esse trabalho, e é um site. Eu queria fazer um site oficial e tal, e eu queria saber se você consegue me ajudar a pensar e organizar". Ele falou, "ah, me mostra o que você tem". Daí eu fui mostrando, contando para ele toda a história, mostrando as caixas, as coisas, as roupas, o que você quer, e toda a ideia do que eu gostaria de fazer. E ele falou para mim, "então, legal, só que o que você quer fazer não é um site, é um museu. Não é mesmo, isso se chama museu". Falei, "mas é virtual", ele falou, "mas existe, e é virtual". Então é um museu que a gente vai fazer. E o Fred é uma pessoa, assim, completamente fundamental, porque traz um conhecimento técnico desse ambiente que a gente ia adentrar. Até então eu só tinha realizado coisas muito mais ligadas à música, e a ideia de homenagem sempre, então livro-homenagem, documentário, nunca pensava nisso desse ponto de vista, do ponto de vista de acervo...

Então a gente começa a organizar, e todas as coisas físicas do meu pai foram cuidadas pela minha mãe sempre, desde o dia zero. Ela foi a pessoa que lavou todos os figurinos, que acondicionou do jeito que ela achou que fosse melhor, porque era ela que costurava muitas das roupas dele, ela é costureira, entende de tecidos, então ela sabia como fazer. E também tinha aquele apego de não deixar com ninguém, para ninguém fazer. Também desse lugar muito da saudade, desse rompimento muito brusco, que foi essa separação. Então ela guarda tudo, e a gente tinha tudo guardado porque ela teve esse cuidado também, e então ao longo desses 20 anos, a gente fez caderno 1, etiqueta, caderno 2... tentou achar data, o que tinha data, ou minha mãe falava, "isso aqui eu lembro, isso aqui a gente morava não sei onde, é [19]78". Então ela é fundamental nesse momento de acervo mesmo.

Maurício Ayer: É, de uma catalogação.

Anelis Assumpção: De catalogação, exato.

Maurício Ayer: Mas isso vocês foram fazendo intuitivamente?

Anelis Assumpção: Ao longo de anos, intuitivamente. Aí quando a gente pega esse edital e vai organizar para subir tudo isso para um site – que não é um site, é um museu –, a gente traz um pesquisador, a gente começa um trabalho de catalogação digital e de documentação mais severo, mais alinhado com esses códigos. E a gente inaugura o museu em 2020 e em 2021 eu abro então o instituto, para oficialmente ele ser uma instituição

desse caráter. E estamos nesse trabalho que... quando, lá em 2020, o Fred uma hora falou pra mim assim, "a gente precisa parar agora a pesquisa, não dá mais, acabou o dinheiro, não tem mais tempo". Eu falei, "meu Deus, mas tem muita coisa ainda". Ele falou assim, "então, nunca vai parar. Você vai ficar a vida inteira encontrando coisa para catalogar, é assim mesmo". E eu tô num aprendizado constante em relação a isso tudo que é dele e tudo que é a partir dele também, que já são outras simbologias: parceiros que morrem, que também viram uma memória que a gente, de certa forma, como museu, tem alguma responsabilidade de guardar, então eu fico criando salas sem fim.

Maurício Ayer: Você quer dizer salas virtuais ou salas reais?

Anelis Assumpção: Salas virtuais, por enquanto. A gente fez a Sala Serena, uma sala dedicada à minha irmã. A gente quer que essa sala seja ocupada sempre por exposições voltadas para a cultura afro-brasileira e religiões de matriz africana e indígena. Então, essa sala pretende ser esse espaço dentro do museu que vai receber exposições e trabalhos, mas a exposição que a gente tem é a da Serena, que é toda do disco dela, com os textos que ela escreveu para cada orixá. Tem as canções, dá para ouvir, e você vai passando as músicas e vai lendo os textos. Todos os textos são da Serena, e ela tem essa flechinha vermelha que você mexe, você mexe um pouquinho, você clica e...

Maurício Ayer: Você mexe em todas as direções.

Anelis Assumpção: Não, não, você clica e... e você viaja. Viaja, volta, isso [enquanto isso, a Sala Serena é mostrada ao público no telão]. Ela tem uma coisinha de brincar, assim. E era essa ideia também de fazer uma sala que fosse um ambiente realmente agradável e aconchegante, que tivesse essa aura que o disco dela propõe, que é um lugar de descansar, de refletir. Então, também é um desafio criar um ambiente virtual nesse espaço.

Maurício Ayer: Eu ia te perguntar também sobre o acervo físico, porque isso tudo para você... Quer dizer, para que a instituição, o museu, nos mostre isso, houve também um trabalho, sobre o qual você já falou um pouco, mas como que está esse acervo? Como ele está condicionado, que tipo de tratamento vocês dão para isso hoje?

Anelis Assumpção: É, ele sai daquele lugar que minha mãe guardava do jeito que ela conseguia e que foi muito bem-feito – e ela recebe altos elogios dos pesquisadores e historiadores, porque está muito bem conservado tudo. Mas a gente aí deu um passo um pouquinho mais técnico, então a gente fez uma reforminha no quarto da casa dela que recebe o acervo todo. Lá tem as roupas. Então a gente comprou móveis adequados, os espaços para as roupas, os armários para as fotos, para os

objetos magnéticos, fitas cassete, as fitas de rolo dos primeiros discos dele, prêmios... Então a gente está arrumando o acervo. Aí é um espaço onde trabalham duas pessoas e vão lá para fazer a catalogação, seguir com a catalogação física. Então é uma biblioteca muito grande. Meu pai já guardava todas as matérias do jornal em que ele saía, e aí tem essa parte gigantesca, mas a gente conseguiu digitalizar a maioria das coisas que estão lá. Então no site tem, no acervo virtual tem as roupas – frente e costas –, os objetos, os óculos, anéis, prêmios.

E foi assim, aconteceu uma coisa que eu achava que nunca poderia acontecer, a gente fez uma exposição no Centro Cultural São Paulo e tinha uma vitrine com os objetos originais do acervo e os óculos que era um grande avatar, um ícone dele – e foi furtado na exposição. Ainda bem que a gente ele digitalizado, a gente tem a fotografia dele em três dimensões. Mas é um susto, é uma coisa que acontece, a gente fica pensando "quem se interessa por isso, em roubar o objeto de acervo?". Enfim, foi uma coisa um pouco chata de perceber, ao mesmo tempo também foi bom para entender o tamanho, para entender que tem um valor muito grande... Bom, não tô maluca, isso realmente é importante. Não é mais aquilo, como eu te disse, não são mais as coisas do papai que estavam na casa da mamãe, são objetos que contam histórias. [Mostra foto dos óculos no site] É esse, é esse o que foi furtado. Então se vocês virem por aí, tá gente? [risos] Eu fico procurando às vezes, meu filho falou para mim "mãe, eu acho que está na *deep web*". Agora, assim, a pessoa não vai conseguir enxergar, porque tinha seis graus. Então ou ela é compatível com aquela miopia ou vai trocar de lente.

Maurício Ayer: Muito bom. Anelis, a gente poderia continuar por muito tempo falando desse museu. Mas a gente queria também ouvir sobre seus processos, como *você* lida com os seus processos criativos. E aí queria primeiro te deixar à vontade para contar alguma história, escolher alguma canção. E eu posso também te perguntar coisas, mas primeiro queria te deixar à vontade.

Anelis Assumpção: Eu acho que tudo se mistura um pouco, dali daquele momento em que eu preciso me desligar um pouco para entender como é a minha produção, a minha poesia, o meu canto, a minha musicalidade, se é isso mesmo. Então eu tive muitas crises. Meu pai era uma pessoa que produzia compulsivamente, eu não sou. Ele era uma pessoa que não conseguia fazer nenhum outro trabalho, a não ser música. Eu não sou também. Então teve um momento em que eu fiquei confusa, porque a referência que eu tinha de trajetória era aquela.

Maurício Ayer: Você sentia que havia também um olhar de fora querendo te colocar nesse lugar de herdeira, de "Itamara", e, por isso, exigir de você certas atitudes?

Anelis Assumpção: Dele? É. Ah, com certeza. Eu acho que foi a primeira vez que eu ouvi a palavra apóstolo, eu tinha três anos de idade, e ele já falava. Eu acho que eu fui a primeira criança dali da minha rua que ouvia aquilo. Ouvia muito. Então ele realmente tinha um certo condicionamento. Era parte da minha criação esse saber, saber sobre quem era meu pai. A minha impressão é ele pensava, "como para trás de mim eu não sei nada, eu quero garantir que vocês saibam absolutamente tudo sobre mim". É como se nós estivéssemos começando como negritude. "Não sei falar do meu pai, não sei falar do meu avô, não sei, você precisa saber falar de mim". É quase isso, entende? Nunca foi dito dessa forma. Mas, tomando distanciamento, eu chego a essa conclusão. Era um desespero tão grande do apagamento, era uma aflição tão grande de não ser livre, porque ele era muito mais perto da escravidão do que da liberdade, que era um jeito quase doentio de garantir que nunca mais iam apagar a gente. Sem elaborações filosóficas, né? Comportamento instintivo mesmo, instinto e inconsciente. Então ele fez isso, sim. Não sei, não acho que tenha projetado para que eu fosse uma artista, enfim, nada. Mas eu tenho certeza de que ele condicionou a minha criação, que poderia não dar nisso exatamente. Mas era fundamental que a gente soubesse falar do nosso pai, que a gente soubesse contar essa história e que a gente de alguma forma garantisse que ela estivesse escrita. Então acho que esse é o caminho. Quando eu fico adulta eu percebo isso, eu entendo isso. Acho que nem a minha mãe conseguia perceber isso desse jeito.

Maurício Ayer: Eu ia te perguntar um outro lado dessa mesma questão. Você sente que o público ou a crítica via em você essa herdeira do seu pai, também esperava que você de algum modo fosse parecida? Porque você justamente se descreveu como alguém, sem dúvida, muito diferente dele. Tanto no modo de ser como no modo de criar. Você sente que havia isso também? Então existe a sua história com o seu pai, que me parece bastante forte, uma missão que ele te lega e que você cumpre. Está aí o museu. E ao mesmo tempo esse olhar que vem, uma figura gigante como ele, também irradia uma espécie de cobrança que as pessoas vão enxergar.

Anelis Assumpção: Sim, senti muito isso. Tem a cobrança e tem também a falta. Quando ele faz falta, quando ele não está mais, e eu começo a ocupar o mesmo tipo de ambiente, eu começo a ocupar o palco, começo a fazer discos. Tem também um mecanismo de fora, de substituição, a ideia de continuidade bem colonial, eu acho, à qual a gente é condicionada. O um, o dois, o três, o quatro, né, o primeiro, o segundo, o terceiro, esse pensamento de como a sociedade branca também organiza a herança.

Então, quem é rei, quem é filho de rei. Nunca vai ser outra pessoa, vai ser sempre um filho. Então, a gente também se organiza de um jeito assim, e eu senti muito isso. Nem sei contar quantas matérias ou quantas perguntas quase absurdas. E aí eu também vou aprendendo a me defender disso, aprendendo a dizer que eu não sou essa pessoa, isso eu nunca vou fazer, que eu não preciso reproduzir os mesmos movimentos. Ele tinha um sofrimento de produzir, tinha um estado também deprimido, de uma pessoa que sofreu uma pressão mental muito grande, e que eu não tinha. Eu já tinha uma resistência mais leve, porque ele também nos possibilitou isso, mas era como se eu precisasse ter o mesmo nível de intensidade, o mesmo tipo de rompantes, e essa interpretação do artista marginal, de uma pessoa revoltada, essas "caixas" onde ele foi colocado. Tudo isso era uma expectativa, então eu ficava o tempo inteiro pensando, "nossa, não posso fazer o museu do meu pai com patrocínio do Banco Itaú, porque isso não é disruptivo". Aí eu fui me livrando disso, porque eu falei, quem é que vai me dar dinheiro para fazer? Como é que eu faço sem entrar na máquina? Eu estou entrando na máquina, mas é de outro jeito. E aí tem a autocobrança e a cobrança externa, de "quem é você? Seu pai é um gênio, a gente espera, no mínimo, que você seja igual". É assim, é igual para mais. E aí você fala, "pô, ele era...".

Maurício Ayer: E quando você sente... qual o seu disco em que você sente que completa esse processo de falar, "nesse disco, já não respondo a essa cobrança". Não sei se cabe essa pergunta. Mas em que momento?

Anelis Assumpção: Eu acho que o *Taurina*[8], que é o meu terceiro álbum, é um momento em que eu talvez esteja mais madura na minha composição, na forma de organizar os assuntos e de ter um entendimento do meu corpo, do meu lugar, da minha fraternidade, da minha maternidade, do feminismo no qual eu acredito e que construo todo dia para criar os meus filhos. E eu me sinto um pouco mais segura a cada processo das coisas que eu faço, do que eu escrevo, do que eu penso. Eu acho que é esse álbum...

Maurício Ayer: É interessante você colocar essa questão do feminino, porque é uma marca muito forte no seu trabalho a partir desse momento. Não é uma marca exclusiva, mas é uma marca forte, de você se enunciar como mulher, tanto nas suas parcerias, muitas parcerias com outras artistas, e nas suas composições. Como é que é isso? Porque é interessante, agora já deixando seu pai de lado um pouco, que agora é com você, já é justamente uma posição muito própria, absolutamente própria e absolutamente potente sua, que a gente vê e conhece.

8 ASSUMPÇÃO, A. **Taurina** [CD]. São Paulo: Independente, 2018

Anelis Assumpção: É engraçado, você falou isso. Quando eu lancei o disco, eu recebia muito essa pergunta. “Ah, podemos dizer que *Taurina* é um disco feito por uma mulher feminista?” Olha, eu sou mulher e sou feminista, então qualquer coisa que eu faça vai ser. Isso também é um hábito da crítica, da imprensa, da mídia, de rapidamente achar um jeito de emoldurar algo. Mas que pergunta, que coisa. Também. “como você faz para cuidar da família e aí compor?”, “Como é para você ser uma mulher independente e ter um neném?” Aí eu comecei a também ficar um pouco incomodada, aí eu vou lá e resgato meu pai de volta. Você já perguntou isso para o Curumin, o meu marido? Ele tem quatro discos, cinco. Eu falei para ele, “você já respondeu algum tipo de pergunta assim? Como é que é cuidar da casa e compor?” “Não, eu nunca respondi”, ele disse. Eu falei, cara, as pessoas precisam parar de fazer esse tipo de pergunta. E eu acho que esse disco me ajuda também, no momento já, do meu segundo filho e tudo. E ele é um disco que eu fiz, que foi lançado depois que a minha irmã morreu, a Serena morreu em 2016. E aí também veio esse outro baque, essa outra perda, e de novo o trabalho de organizar isso. Então a obra... eu consigo entender com esse disco, que produzir pensamento, música, poesia, é a maior análise, sabe? É a melhor forma de organizar um pouco o caos que fica a vida da gente quando a gente perde alguém.

Então ele também é um disco um pouco mais triste, onde eu permiti que isso acontecesse. Porque também é importante, como uma mulher que escreve, sair dessa coisa abobalhada, de só falar daquele amor romântico, que a gente tem de sobra na música, na literatura. Eu não consigo quase fazer músicas românticas, é o contrário total do que eu vivi. Outro dia a gente foi fazer um show num casamento, que convidaram a gente para cantar num casamento, que os dois eram muito fãs e tal. Eu nunca tinha feito isso na vida. Eu falei, “nunca fiz isso na vida, vamos fazer”. Tá bom, vamos lá. Aí os noivos falaram, a gente queria que vocês cantassem as mais românticas. E as minhas músicas são todas super irônicas e ácidas. Tem uma ali, outra ali, e são super meladas, e a tarde um brinco, ai que mistério. Quando a gente começou a ensaiar, eu falei, meu Deus, Bruna, eu não sei escrever assim, cara, o que aconteceu? Eu acho isso super legal, quando eu observo de fora. Precisou a gente olhar para os nossos dois repertórios para montar uma coisa junto, para eu perceber que é uma busca. Eu não quero falar *só* disso. E também quero ter a liberdade, como uma pessoa que escreve e compõe, de falar sobre qualquer assunto a hora que *eu* quiser, entende? Então, acho que criar também é um exercício, não é uma divindade, não é uma inspiração, um raio que passa, não é. É realmente uma prática. Prática mesmo, sentar e escrever. Isso é uma coisa que meu pai me deixa, que é muito bom. Eu escrevo quase todos os dias, alguma coisa – ou pelo menos começo. E hoje, para trazer aqui, pesquisando algumas coisas, achei umas coisas super legais que eu esqueci

completamente nos arquivos de anos atrás. Daí eu falei, de vez em quando é bom lembrar de voltar para lá, né? Ver o que tem de bom, se tem alguma coisa boa.

Maurício Ayer: Legal. E que você vai mostrar para a gente?

Anelis Assumpção: Eu não sei. Você já não mostrou tudo?

Maurício Ayer: A Kate foi percorrendo um pouco o museu [mostrando no telão], depois acho que foi para a capa do álbum.

Eu fui acompanhando aqui o seu slide.

Anelis Assumpção: Eu vou mostrar. É só, rápido, assim. Esse é o rascunho. Quando eu escrevi, eu lancei um livro em 2022, que se chama *Serena finitude*[9]. É um livro infantil que eu escrevi também na pandemia, muito angustiada, quando eu fiquei mais velha que ela. Ela morreu com 39. E aí quando eu fiz 40, eu dei uma confundida nas coisas. Falei, "não, está errado. Não posso ficar mais velha que a minha irmã mais velha". Como é que faz? Aí fui escrever... Falei, eu preciso lembrar da gente, da nossa infância, eu preciso lembrar que ela *sempre* foi mais velha, que *ela* sempre foi quem me ensinou. Foi ela que me mostrou as coisas. Foi ela que... Eu não posso ficar mais velha que ela. Bom, eu vou sentindo ano a ano, mas é um sentimento bem curioso, porque é como se a pessoa ficasse congelada naquela idade, mas não... Então, tive que passar. Quando eu fiz 39, que foi a idade que ela morreu, eu já me assustei. Quando eu fiz 40, eu falei, "putz, está errado, não pode ser assim". E aí fui escrever. Quando eu apresentei para uma amiga, que é editora de quadrinhos, de uma editora que se chama Veneta, e aí ela falou, "que lindo e tal, vamos publicar". E aí eu fui fazendo um exercício de diagramação... não sei fazer isso, não tenho nenhuma habilidade como designer, nada disso, mas era um jeito de... Porque era a primeira vez que eu ia publicar texto. Como é que pode ser legal de ler? Como é para criança, é gostoso, vira pá, já não vira, enfim. Então, eu trouxe esse rascunho, que foi uma coisa que eu encontrei nos meus... E acabou ficando bem parecido.

Maurício Ayer: Esse exercício você mesma que fez?

Anelis Assumpção: Foi. De como distribuir as páginas pensando nas frases, porque também vieram as ilustrações, esse livro é ilustrado pela Aline Bispo. Ah, enfim, é muito lindinho, chama *Serena Finitude*. E o que mais que eu trouxe? Ah, eu trouxe também uma música, um pedacinho, que eu acho que tinha algumas perguntas, eram...

---

9 ASSUMPÇÃO, A. **Serena finitude**. Ilustrações de Aline Bispo. São Paulo: Editora Veneta, 2022.

[música] Você está perdido nessa mata Rasta Mostra pra eles tua casta Eu sei que tu gosta, eu também gosto Rasta Com essa cortina de fumaça Quando estás na rua, o que é que me trasta?

Maurício Ayer: Essa... É você?

Anelis Assumpção: Não, é a Mahmundi. É, eu escolhi ela porque esse é o exercício nosso da parceria, né? Eu acho que você tinha me perguntado sobre a parceria e eu separei ela porque é um jeito também moderno de trocar. Fica mandando uma pra outra, uma pra outra, uma pra outra. Eu tinha só a melodia e a letra. Aí mandei pra ela. Ela mudou um pouco a melodia, mudou totalmente a batida e eu, pô, tá muito carioca. Não era "eu sei bem do que *tu* gosta". Não era. Mas ela foi malandra e ficou ótimo. Eu falei, não, tá bom, é isso mesmo. Mas a gente... eu adoro compor com a Marcela, adoro compor junto.

Maurício Ayer: Isso que a gente ouviu, então, foi a resposta dela. Quer dizer, você mandou a melodia pra ela e...?

Anelis Assumpção: Eu mandei a melodia e a letra, né? Eu não toco instrumentos. Então eu faço melodia e letra.

Maurício Ayer: Ah, você já mandou a melodia e a letra.

Anelis Assumpção: Eu faço assim: eu gravo melodias, superdesafinado, depois eu chego com as pessoas pra criar harmonia ou não. Nem toda música minha tem harmonia. Aprendi também que isso era possível. Eu não precisava tocar para poder compor.

Maurício Ayer: E como é que nasce essa melodia? Já nasce junto com a letra? Você escreve uma letra e a partir daí você busca?

Anelis Assumpção: Das duas formas. Geralmente vem junto a melodia com a letra. A letra como uma condução da ideia. Mas acontece também de compor só uma melodia, e eu gravo ela, depois. Pra mim é mais difícil quando a melodia tá solta sem letra. Mas às vezes essa melodia é uma frase de algum instrumento num arranjo. Não vai ser necessariamente a melodia da composição. Mas eu escrevo mais do que faço melodias. Muito mais. Então pra mim também funciona muito a parceria. Então a Thalma, por exemplo, é uma parceira que faz melodias assim belíssimas, né? A Thalma de Freitas, filha do maestro Laércio de Freitas, tem um domínio melódico realmente acima da média. Pra quê eu vou ficar me matando de fazer melodia? Se eu falo assim "Thalma...", e ela já faz. Você a chama, fala, "Thalma, tudo bem? Você está por aí de bobeira?". Já tem quatro áudios. Eu não preciso, não vou mais ficar fazendo, e pra ela é difícil escrever, então pronto. E é gostoso demais compor junto, e criar composições com parceiros, parceiras. E aí tem todo jeito: "vamos lá em casa, vamos sério

agora, sentar, abrir um caderno e fazer". Tem: "olha isso aqui que eu fiz", manda, e três meses depois a pessoa manda de volta. Tem todo tipo, né? E tem as suas afinidades de assunto, de som. Então é uma pessoa com quem hoje eu trabalho bastante bem.

M. A: Essa melodia vai surgir de uma letra que você escreveu, e que de repente volta como uma melodia, ou não necessariamente?

Anelis Assumpção: As soltas? As melodias soltas? Não.

Maurício Ayer: Não, eu digo, digo, as com letra, né? Essas que já são o embrião de uma composição.

Anelis Assumpção: É, elas vêm quase assim, sabe? Porque a palavra cantada também, não é toda palavra que dá, não é toda construção de frase que fica bem numa melodia. Então é isso, né? Mahmundi também tem esse pensamento mais pop, então a frase que era "eu sei bem do que você gosta", com ela vira "eu sei bem do que *tu* gosta", e fica muito mais legal. Então tem o som da palavra também, acho que ele vai ditar muito as melodias. Eu não sou tão fiel às rimas, né? Também é uma coisa que eu faço, mas ontem o meu filho Benedito falou, "mãe", perguntou pra mim, "como é que você compõe?". Eu falei, "ô, Benedito, esse é o tema do negócio amanhã, eu não posso gastar tudo hoje, por que você quer saber isso agora?". Ele falou, "não, porque eu queria compor uma música. Eu tô com um pouco de dificuldade". "Como é que você tá fazendo?" E aí foi legal, porque parecia uma prévia de hoje. E aí ele falou, "mas você faz primeiro o quê?" Só que ele toca, né? Ele já toca violão, guitarra e tal.

Maurício Ayer: Que idade ele tem?

Anelis Assumpção: Doze. Daí ele falou, "ah, primeiro eu faço harmonia". Aí eu pensei, "olha, um parceiro!". Vou explorar a criança. Mas é isso, o Curumim compõe de um jeito, a Rubi... eu via isso, né, eu via meu pai sempre com instrumento. Ele tocava e escrevia aqui, tocava e escrevia aqui, sabe? Tava sempre a caneta e o violão, assim, muito junto. E é isso, eu faço isso. Entro no carro, mas está muito trânsito, eu ouço alguma coisa que me desperta, anoto frases que eu escuto, de conversas de outras pessoas no metrô. Tudo é objeto. Tudo no entorno. Palavras diferentes, gírias, tudo é estimulante pra quem gosta de escrever. E é assim.

Maurício Ayer: O que mais você quer mostrar?

Anelis Assumpção: Ah, foi tudo.

Maurício Ayer: Gente, eu não sei se, talvez, Cláudia, seja o caso de a gente abrir pra perguntas... E os seus cadernos?

Anelis Assumpção: Eu não escrevo em caderno. Computador e celular. Notas, notas, e gravo tudo no gravador do celular. E no GarageBand, que é um programa que tem no computador. Mas eu falei pra Tataia, eu falei, "você não tem coragem de mostrar minhas gravações do Garage". "Não, tudo bem, essa pode ser". Mas é inédita, hein, gente? Não espalhe. Ah, e no banho também. *Serei mais eu. Serei menino, menina, bomba gira na esquina. Serei, serei tufão, coração que eu dou. Serei o que nem você imagina. Serei o que Deus quiser. O diabo quer eu. Serei, serei sua linda, velhinha. Não serei, serei seu. Se eu tomar uma cachaça, não serei mais eu. Se eu tomar uma e duas e três, não serei mais eu.*

Maurício Ayer: Por isso que a Claudia me convidou...

Anelis Assumpção: Por causa da cachaça, né? Isso deve ter sido, então, já nem lembro, mas deve ter sido depois de algum porre. Devo ter feito alguma coisa que eu não devia, porque não era eu.

Maurício Ayer: Mas é de uma delicadeza ouvir isso, é tão...

Anelis Assumpção: Obrigada. Obrigada por tudo. Obrigada, obrigada. E aquela lá, o "Ela na Avenida", na verdade é a "Uva Niágara", que antes chamava "Ela na Avenida", e lá nos meus arquivos ela está assim, mas é a letra dessa música, que também é uma parceria. Eu escrevi a letra e a Marina Peralta e a Marcela [Mahmundi] fizeram a melodia comigo. E a letra é minha. E é isso. Essa música está no álbum *Sal*[10], que é o meu quarto disco. Que tem diversas parcerias, né, como você falou, com muitas mulheres incríveis da música brasileira. Pode conter erros de português.

Maurício Ayer: Em geral é assim que você escreve? [Vendo a pasta de computador com muitos arquivos projetada no telão]

Anelis Assumpção: Não.

Maurício Ayer: Pode ser também.

Anelis Assumpção: Pode ser também, é, mas...

Maurício Ayer: Tem vários vídeos.

Anelis Assumpção: Tem muitas do mesmo, com palavras diferentes. Eu não sou muito organizada, ironicamente, com o meu próprio nascer. Ele é um pouco caótico, assim. Tem coisa de tudo quanto é lugar, daqui a pouco eu vou falar, nossa, isso aqui, vou concentrar só, vou arrumar as pastas, rascunhos, isso, aquilo. Daqui a pouco eu me perco de novo dentro daquele

10 ASSUMPÇÃO, A. **Sal** [CD]. São Paulo: Independente, 2022.

mundo, um mundo digital muito complexo mesmo, né? Eu não sou tão ágil.

Maurício Ayer: Muito proliferante também.

Anelis Assumpção: É, exatamente. E aí... mas eu perdi totalmente o hábito, eu não tenho mão de escrever com caneta no caderno. Minha letra é horrível, começa bem, e no final da folha já está o ó. E a gente pega o hábito, né, de digitar rápido, o pensamento também vai indo, assim. É hábito, né? Acho que era como a máquina de escrever. E é isso, gente, são os meus acervinhos, um pedacinho deles.

Maurício Ayer: Eu acho que poderíamos abrir para perguntas, se houver... Não sei se temos ali um microfone para perguntas.

Anelis Assumpção: Eu falei muito já, né?

Cláudia Amigo Pino: A gente faz um pouco uma rodada de perguntas?

Maurício Ayer: É que às vezes a pergunta está aí, querendo ser enunciada. Às vezes, não.

[Participante 1]: Com toda essa produção, que você escreve e tudo mais, como é que fica a produção final das escolhas dos textos, das músicas que vão formar o álbum seu?

Anelis Assumpção: Obrigada pela pergunta. Isso é muito legal. É uma parte que eu gosto bastante do processo, porque é a hora de olhar e entender qual é o conceito, né? Se tem, se está fazendo sentido, se elas fazem sentido juntas, se é um processo mais aleatório, porque tudo pode ser, né? Eu acho que também o entendimento e o processo de conceituar uma obra levam mais tempo. Ela precisa existir por muito tempo para a gente conseguir tomar a distância e não é a gente só que conceitua, isso também vem de fora. Mas tem um caminho, alguma coisa que organiza ali. Então, no *Taurina*, por exemplo, eu percebi que eu estava em quase todas, quase todas as canções tinham algum aspecto desse traço astrológico, dessa energia venusiana, a relação com o cheiro, com a comida, com o aconchego. Foi um disco que eu escrevi inteiro na cozinha de casa. Eu ainda trabalho muito na cozinha, assim, eu gosto, eu fico em outro lugar, daqui a pouco volto para lá. Mas o *Taurina*, mais especialmente as melodias e também as letras, né? Sempre cozinhando e voltava ao computador, ou atendia uma criança e voltava ao computador.

Então comecei a perceber que ele tinha essa aura, assim, bem venusiana, mesmo. E achei que isso também batizava, de alguma forma, essa minha ruptura. Agora sou eu, eu sou uma mulher do signo de touro, sou mãe, eu perdi a minha irmã, eu estou triste, é isso que eu tenho para falar agora.

Então, acho que ele me ajudou a ter esse entendimento sobre mim naquele momento. E é assim, né, todas as minhas músicas vão ter alguma coisa parecida com isso, comida e cheiro. Comida. Eu e o André Abujamra, a gente já fez essa comparação, a gente é do mesmo dia. E eu falei, claro, né, porque as músicas do André começam tudo assim, "o mundo é esfirra de carne". Lógico, cara. Por que a gente faz isso? Ele falou, "eu não sei, quando eu vi eu já falei, 'uma laranja'". Eu não sei o que que é, eu juro, eu tento mudar de assunto, daqui a pouco a comida voltou. Eu falo, caramba, é que eu gosto muito também, gosto de comer, gosto de cozinhar. E acho que é um assunto que conecta, né, é um outro jeito de falar de amor, de colocar o amor na mesa. Você é cozinheira? É um lado maravilhoso, não é? É bom demais.

Maurício Ayer: Cozinhar e fazer um disco é parecido?

Anelis Assumpção: É. Cozinhar é mais rápido. Tem, tem, com certeza tem. É muito parecido, fazer comida é compor, né, misturar, fazer um arranjo é fazer um prato, uma dosagem de tudo, o que combina com o que, coisas que não combinam, que podem ser muito legais, é muito parecido, sim. É mesmo uma trajetória de aventura, sim.

Maurício Ayer: Tem que ver o que está faltando, o que você descobre.

Anelis Assumpção: É, enfim, aquele som de saxofone alto quer dizer: você passou o sal. Sabe? É, tudo vai unindo assim.

Maurício Ayer: Mais alguma pergunta?

[Participante 2]: Acontece durante a composição de uma letra, de uma palavra, mudar o significado de tudo, você precisa trabalhar mais essa palavra, ou uma frase inteira, como funciona?

Anelis Assumpção: Acontece. Acontece de uma palavra ser, de ter só ela e ter que criar tudo em volta dela, porque você ficou apegado àquela palavra. Eu acho que, como eu não sou muito apegada às rimas, eu acabo tendo um pouco mais de liberdade, né, para esse pensamento, para poder construir uma ideia sem me preocupar com as finalizações exatamente. E eu não sei se é a minha cabeça, né, enfim, mas às vezes eu desencano de usar algumas fontes para fazer sentido. Então, preposições, ou enfim, faço alguns caminhos poéticos mais diretos, assim, e que às vezes pode não dar o entendimento, né. Na minha cabeça está fazendo muito sentido. A Mahmundi mesmo é uma pessoa que sempre fala para mim, "porra, eu não entendo nada que tu escreve. O que é iconoclasta? Só tu mesmo pra usar essa palavra? Porra, por isso que você não fica pobre." Porque ela só briga comigo. Eu falo, "não, vai precisar essa palavra, ninguém vai conseguir cantar". E ela fala, "ainda bem, né, olha aí que coisa boa, é uma pesquisa

para fazer". Porque isso também me estimula, né, de outras coisas que eu leio e fico curiosa. Nossa, o que é isso? E vou lá, enfim.

Então, a palavra não é uma palavra difícil, ela é melhor. Acho que para mim é sempre um desafio de como usar as palavras mais banais. E também, claro, a gente tem uma riqueza para poder pensar palavras que são a mesma palavra com acentuações diferentes e significam outras coisas. É muito rico isso. E a gente também vem perdendo, assim como o próprio violão dentro da música brasileira, o duplo sentido mais esperto, né, numa frase. Tá tudo sempre sendo colocado muito diretamente. Eu posso falar que eu quero "sentar em você" de diversas formas, eu não preciso fazer esse caminho tão direto, né. Eu, Anelis, gosto mais da ideia de... e aí eu acho que isso é uma coisa que talvez seja muito taurina, né, que tem muito mais a ver com o processo da conquista ou a sedução do que o fim, né, o sexo, ou, enfim, a dor. O caminho é sempre mais interessante, então eu acho que eu vou construir um pouco assim. As palavras vão me ajudando, mas elas são só uma roupa de cama mesmo, para uma ideia. Elas vão aconchegar alguma ideia que eu quero passar, para falar do que quer que seja.

[Participante 3]: Acontece que a sonoridade melódica da palavra seja diferente da sonoridade melódica da música?

Anelis Assumpção: A sonoridade melódica da palavra?

[Participante 3]: É uma palavra que não encaixa na...

Anelis Assumpção: Eu tenho bastante dificuldade com isso, mas aí que eu também tenho mania. Se eu preciso acochambrar a acentuação de uma palavra para uma melodia, eu vou escolher outra. Quer dizer, a gente tem várias na música brasileira, o Lulu Santos é rei. Várias. E a gente ama, a gente canta assim, a gente aprendeu a acentuar no outro lugar porque foi um encaixe melódico. Eu não gosto desse recurso. Para mim é muito importante também o entendimento da palavra, né. Ela é mais importante para mim do que a própria música. Então se não dá para entender o que eu estou cantando, estou falando muito aberto, eu canto mais assim para poder ter... Outra crítica que a Mahmundi faz "Porra, por que você faz esse se R? "Amor"!

Maurício Ayer: Você me lembrou, João Gilberto, que corrigia as prosódias de todo mundo, né. Era deslocado, fazia para que a acentuação caísse no lugar certo.

Anelis Assumpção: Sim, são manias também. No caso dele, muito mais ligado à melodia, né. Para mim, bem mais ligado à palavra.

Maurício Ayer: Claro, ele não compunha. Ele compôs também, mas ao interpretar ele deslocava ritmicamente para que o acento funcionasse...

Anelis Assumpção: Mas a interpretação é uma composição, né. É uma parte fundamental, né.

Maurício Ayer: No caso do João Gilberto, ainda mais.

Anelis Assumpção: Ah, sim, sim. Eu queria lembrar alguma, não estou lembrando de nenhuma agora. A hora que eu sair ali eu vou lembrar de três. Tenho certeza. É sempre assim.

C. A. P.: A gente pode fazer duas perguntas aqui. Ele e eu, e aí a gente encerra.

[Participante 4]: Eu queria fazer uma pergunta em relação à presença da água no seu trabalho. Porque a gente fez um museu e ao mesmo tempo esse áudio com a água no fundo aconteceu muitas vezes. Eu queria saber quando é que essa água vai vir também no seu trabalho. Porque você vê que ela já está em trânsito, né.

Anelis Assumpção: Pois é, eu não sei, Fred. Eu acho que é uma coisa que tem a ver com o meu tempo. E o banho, não é politicamente correto isso, a gente não devia fazer isso. Mas o banho é um momento muito criativo para mim. Eu escrevo, eu gravo melodias. Eu gravo como essa. Ou mando um áudio superimportante de trabalho. É isso. Porque todo mundo tem um áudio meu, aí a pessoa fala, "você está na cachoeira? Está chovendo?" "Não, estou tomando banho". Enfim, eu não sei. Eu acho que é um momento de criatividade. Talvez pela sonoridade. Pela nudez. Ou por estar realmente sozinha. Acho que tudo isso um pouco, né.

C. A. P.: A minha pergunta é muito simples. Acho que você não sabe, mas eu já comecei cursos: "Olha, eu vou começar esse curso meu que vai ser sobre um crítico literário muito importante, ouvindo uma música da Anelis, porque tudo que a gente vai falar está nessa música". Aí eu fiquei pensando... As suas músicas são muito sensoriais, muito intuitivas. Mas tem algo de muito [intelectual]. Eu queria te perguntar se você compõe a partir de leituras.

Anelis Assumpção: Não.

C. A. P.: Não? Olha só. [risos]

Anelis Assumpção: Muito difícil. Inclusive eu estou bem ruim de leitura. Não consigo terminar o livro. Cara, está assim. E a gente se cobra, né. Depende, na verdade. Não é que não. Mas... Agora eu estou pensando no próximo disco. Eu evito... inclusive, ouvir música. Eu tenho um pouco de receio de... Ah, da influência muito... Ou de copiar inconscientemente alguma coisa. Então se tem alguma coisa querendo sair... Quando eu estava escrevendo o livro, o *Serena Finitude*, eu tenho filhos e a gente tem bastante livro

infantil. Aí eu ia ver. Eu conheço vários de cor. Mas eu voltei lá naqueles livros para poder ver um pouco como eram organizados. Agora vou ler esse livro prestando mais atenção nisso. Que não era um jeito que eu lia. Quando eu ia ler para eles. Eu estava falando a história. Eu estava mostrando o desenho, a obra, a arte que tinha naquela página. Eu não estava olhando tecnicamente como era a diagramação. "Olha como isso é esperto. Olha como isso é..." Então nesse trabalho, sim. Eu pesquisei. Mas já estava escrito. Antes eu fiquei com medo de... Porque escrever para criança também não é nada simples. Parece, né? E tem todo tipo de literatura para a infância. Mas eu estava falando de uma coisa muito dura. E eu também não queria usar aquele recurso clássico da morte com as crianças: está no céu; virou uma estrela. Não banalizando isso. É um jeito importante também, né? De começar. Mas quando eu fui pesquisar o que existia de produção sobre a morte para a infância. Era muito pouca coisa. Ou muito poético e quase vago. Ou muito direto. "Vovô morreu. Vovô virou uma estrela no céu. Onde vovô está agora? Está vendo aquela estrela amarela? É vovô olhando para você dormir". Era mais ou menos assim. Isso não existe. Estou inventando assim. Mas as coisas que eu vi eram mais ou menos parecidas com isso. Porque é muito difícil, né? Então acho que quando a gente está... No meu caso, né? Vocês que são acadêmicos podem me falar melhor. Porque eu vejo que eles estudam muito. Tá sempre lendo, sempre lendo. Porra, quem está lendo tanto, gente? Quem está lendo tanto? Porra! Vamos pensar juntos aqui sem ler nada. Mas é sacanagem eu estar lendo. Porque eu não tenho esse hábito. E não o uso como um recurso para produzir. Acho perigoso para mim. Tenho medo de me influenciar. Agora, claro, isso. Palavras, expressões, pensamentos. Sim. E dicionários. Eu adoro. Aí é uma coisa que eu leio.

Maurício Ayer: Dicionários. Palavras.

Anelis Assumpção: Encontrar, é. Enciclopédia, menos. Mas dicionários. E principalmente de sinônimos. Como é que eu posso falar mistério? Não é? Isso é demais.

Maurício Ayer: Aí abre a paleta.

Anelis Assumpção: Super! E a língua portuguesa é muito rica nesse sentido. Então, esse mergulho eu faço. É isso.

Maurício Ayer: Bom, então acho que podemos encerrar, Anelis. Muito, muito obrigado. Acho que das muitas formas que a Universidade tem de dialogar com os outros, com os seus "foras", né?, talvez esse seja um dos mais agradáveis, mais gostosos. Então, muito, muito obrigado mesmo por compartilhar todas essas coisas conosco. E acho que é isso, né? Ficamos por hoje. Amanhã voltamos com toda a programação, como vocês sabem.

Anelis Assumpção: Obrigada, pessoal. Agradeço.

Referências Bibliográficas

ASSUMPÇÃO, A. **Serena finitude**. Ilustrações de Aline Bispo. São Paulo: Editora Veneta, 2022.

ASSUMPÇÃO, A. **Taurina** [CD]. São Paulo: Independente, 2018.

ASSUMPÇÃO, A. **Sal** [CD]. São Paulo: Independente, 2022.

ASSUMPÇÃO, I. **Caixa Preta** [box set]. São Paulo: Selo Sesc, 2009.

ASSUMPÇÃO, I. **Cadernos inéditos**. Organização de Anelis Assumpção, Serena Assumpção, Elizena Assumpção e Marcelo Del Rio. São Paulo: Itaú Cultural; Editora Terceiro Nome, 2012.

ASSUMPÇÃO, I. **Pretobrás II – Maldito Vírgula** [CD]. São Paulo: Selo Sesc, 2010.

ASSUMPÇÃO, I. **Pretobrás III – Devia ser proibido** [CD]. São Paulo: Selo Sesc, 2010.

MARCONDES, Maurício Ayer (org.). **Enciclopédia da música brasileira**: erudita, folclórica e popular. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Art Editora, 1998. 887 p.